

O fio de Ariadne na paisagem com mulheres e mar ao fundo

Hortense e Clara: corpos femininos ressurgidos das cinzas¹

Luciana da Silva Bezerra*

“...deixou-se invadir pela imagem do mar e dos barcos – estava vazia, por dentro, deserta e vazia, e o mar inteiro cabia dentro dela, deixou o mar entrar pelos seus olhos, o azul escurecendo, líquido, transparente, o casco de um barco subindo e descendo sobre a superfície da água, um risco negro marcando a parte habitualmente submersa, gaivotas mais acima, luz, algo batendo nos mastros, em pancadas certas, que coincidiam com o oscilar das ondas.”

(Gersão, *Paisagem com mulher e mar ao fundo*)

“Devo tomar qualquer coisa, ou suicidar-me?”.

Não: vou existir. Arre! Vou existir.

E-xis-tir...E-xis-tir...

(Álvaro de Campos)

Enveredando nas sendas da escrita cintilante de Teolinda Gersão, indagamo-nos acerca dessa paisagem com mulher(es) e mar ao fundo que dá título à obra. Paisagem essa “vista pelos olhos de duas mulheres, elas próprias parte dessa geografia: Hortense e Clara. No entanto, o leitor ouve quase sempre filtradas apenas através de Hortense tanto a voz de

* Doutoranda em Literatura Portuguesa (UFRJ).

¹ O presente trabalho é uma síntese da monografia intitulada *O fio de Ariadne na paisagem com mulheres e mar ao fundo*, apresentada à Professora Doutora Ângela Beatriz de Carvalho Faria no curso ministrado no Mestrado acerca da **Narrativa Portuguesa Contemporânea**, no segundo semestre de 2004.

Clara como todas as outras vozes da narrativa” (Magalhães, 1987, p.434).

Na cerzidura do enredo, várias vozes femininas fazem-se ouvir ecoando na complexa tessitura desse mundo romanesco. Vozes que espelham o estilhaçamento e reinvenção do sujeito da contemporaneidade, situado num espaço feito de palavras, margens, deslocamentos e fronteiras que tangem a loucura. Histórias silenciadas de mulheres com seus percursos identitários nômades e oscilantes.

Este estudo parte da premissa de que há, no decorrer do enredo, um fio a conduzir a trajetória das personagens em princípio dilaceradas, de todo imersas em seus dilemas existenciais, para então ao findar a narração ressurgirem como mulheres mais fortes e com a esperança de um recomeço personificada na figura da criança que nasce, emblema máximo da renovação da vida.

Recuando ao mundo helênico, encontramos o mito de Ariadne – que, entre os vários significados que detém, guarda o de “a muito luminosa” – aquela que, com o novelo de fios ofertado ao amado Teseu, lhe permite decifrar o labirinto e reencontrar a luz. De maneira análoga, há uma espécie de meada a ser desenrolada pelas personagens Hortense e Clara. À medida que vão desfazendo suas voltas, são guiadas à superfície de seu ser e podem, enfim, retornar à luz, sair de seus labirintos humanos. Orientadas por esse fio mágico e invisível, conseguem vencer o monstro que habitava as profundezas de seu ser e sair de suas angústias como heroínas:

o fio mágico de Ariadne – fio de desejo, de proteção e de conservação – dá a Teseu o poder e os meios de continuar vivo, dom quase de imortalidade. Ariadne apenas exige de Teseu um amor eterno – amor esse que ele não pode dar. O fio que o conduz à luz pode ser entendido como metáfora de um parto às avessas se pensarmos na cena em que ele retorna para ela, Ariadne teria sentido, dentro de seu corpo, toda a luta pela vida travada entre o monstro e o ser amado (...) a mulher e a mãe nela presentes dirigiram, graças ao fio, de começo a fim, toda a operação de salvamento. (Brunel, 1998, p.379)

Há uma passagem no romance que nos remete a essa idéia de gestação às avessas:

não sou culpada, gritou a criança, sou eu que sou o teu sonho, porque são as crianças que sonham as suas mães, elas sonham

no seu claro líquido iridiscente, na sua água primitiva, e lentamente; pelo puro poder do seu sonho, vão construindo em volta o corpo de uma mãe, e a mãe vai crescendo alimentada pelo sonho, até que a criança a empurra, a separa de si e a atira para fora e ela é uma pequena mãe nascendo, exausta, desamparada, oscilante, deitada sobre o mundo. (Gersão, 1982, pp. 19-20).

O fio pode ser concebido como veículo para uma viagem ao interior de si mesmo, promovendo, então, o autoconhecimento. O fio de Ariadne é talvez o grande fio misterioso do labirinto humano, indispensável a cada um de nós mas que sabemos ter de romper um dia (Brunel, 1998, p.87). O fio de Ariadne é o fio da vida e a mulher é o único ser capaz de gerar vida. Dessa forma, Ariadne existe e se perpetua em cada mulher. Aproveitemos o novelo de Ariadne e sigamos esse fio – que nos conduz para essa inquietante paisagem com mulheres e mar ao fundo. Uma mulher aflora à janela numa manhã tecida por fios de uma claridade baça. Manhã ainda envolta nos véus nebulosos de Selene e que Apolo pouco a pouco desvela. Mulher enredada em seus dramas existenciais que encontram ressonância no meio externo em que vive.

Assim inicia-se esta bela obra de Teolinda Gersão. Bela porque, ao contrário dos romances contemporâneos em que o desencanto é urdidura na trama, nos deixa um fio tênue de esperança, um renascer da vida, o começo de um novo ciclo.

Por conseguinte, *Paisagem com mulher e mar ao fundo* conduz o leitor a camadas de significado muito além daquelas determinadas pelo signifiante. O leitor é, assim, “convidado” a submergir no espaço onírico em que duas das personagens se encontram no limiar da loucura/desespero, inclinadas a cometer o suicídio, com suas existências dilaceradas/fragmentadas devido à perda do filho e do marido. No plano histórico, as personagens vivem quase que sufocadas ante o regime ditatorial de Salazar – aludido na obra com as iniciais O.S. e Senhor do Mar. Nesse sentido, a obra em questão retrata uma sociedade sufocada pela censura, exausta por uma guerra colonial injusta e sem saída, e encena o derrubar da ditadura de O. (liveira) S. (alazar).

Observa-se, ademais, a constante e angustiante presença do elemento água – mar como que a tragar o sopro de vida da personagem-narradora Hortense. Poder-se-ia dizer, nesse ponto, que há um embate constante entre Eros e Thanatos – pulsão da vida e da morte no decorrer da narrativa.

A marcar a cadência do dilema existencial vivido pelas personagens, digladiando-se contra o mundo, contra a ordem instaurada, o transitar entre seu mundo interior (microcosmo) e seu mundo exterior (macrocosmo), está o vaivém das marés, o movimento das ondas marinhas a marulhar ameaças e segredos, a oscilação temperamental, o espaço da sedução e repulsão coexistentes – afinal, é o mar que leva o filho amado para terras distantes e não o traz de volta, que provoca o ir e vir à janela quase que metaforizando esse movimento, criando paisagens labirínticas..

O movimento do mar traduz-se nos próprios movimentos, da personagem a imagem freqüente de fios/novelos como metáfora de seu estado psicológico: “Ou era no fundo do mar que estava, se saísse a porta morreria afogada entre novelos de algas e rocha escura?” (Gersão, p.10). Há redemoinhos de “chuva enovelando os cortinados” (*Ibidem*) o vento enovelando-se sobre si mesmo (Gersão, p.14) e há a terrível sensação de não conseguir chegar ao fim do dia “porque o dia se apertava em volta como as malhas de uma rede, asfixiando-a” (Gersão, p.17), conduzindo à idéia da total submersão do ser:

...estou no fundo do mar transparente como vidro e há uma figura que caminha no fundo do mar, arrastando como água um manto que lhe cobre a cabeça e se alarga infinitamente ao longo dos braços e tem a cor castanha do Outono, por um momento subo à tona de água e grito por ti e há tanta angústia em minha voz que tu vens de repente na minha direção, trazido pelas ondas, estendo os braços para agarrar-te e sei que no momento em que conseguir prender-te te arrastarei comigo para o fundo do mar, sob um manto de folhas. (Gersão, 1982, p.13)

Na luta empreendida por Hortense contra o mar, o desejo de parti-lo como se fora um espelho, o grito de Hortense não se faz ouvir, pois sua finitude nada pode perante o infinito do mar. Porém, a Revolução já vinha sendo tecida, tenro botão de flor, e desabrocha no episódio da Festa do Senhor do Mar, quando, então, a voz coletiva suplanta a do mar e questiona a ida complacente dos filhos da terra para terem suas vidas ceifadas na insana guerra em solo africano.

Assim, duas personagens femininas são mais detalhadamente delineadas na imensa teia tecida pela autora, cuja face oculta assemelhar-se-ia à de Aracne de tempos idos. Dois perfis de mulher emergem das

malhas textuais em um cíclico e interminável movimento de ir e vir, de submergir e emergir, de ser e não ser, ora de todo enredadas em seus labirintos existenciais/ humanos, ora de todo livres, em plena consonância com o próprio ritmo das marés de que se fazem peças integrantes, por ele regidas. Integrando-se à energia vital da natureza que as circunda, essas mulheres são (como) ondas a quebrar na rebentação / praia, personificam a própria essência marinha enquanto vertente do feminino. Segundo Magalhães, Hortense “é uma mulher cujo trajecto na vida se caracteriza por uma alternância clara de momentos cheios e momentos vazios” (Magalhães, 1987, p.434).

Vemos, de maneira análoga, que as atividades exercidas pelas personagens são pertinentes ao contexto no qual estão inseridas: arquitetura, pintura e tecelagem, todos são ofícios que metaforizam o criar, o transfigurar o real, o evadir-se para espaços outros da dimensão humana:

as coisas que tinham dito pelos anos fora, Horácio, Pedro, Clara. Os arquitetos. As cidades, em sua ida. Pensara, sonhara, pintara também ela algumas. O risco no papel, a obstinação de um risco no papel. Voando do papel e entrando finalmente no real. Apenas questão de sonhar com força. Apenas questão de desenhar com força. (Gersão, 1982, p. 78)

Horácio “era um inventor do mundo”, dizia Hortense, um homem alegre e forte que enfrentava todas as dificuldades, “arquiteto do universo” que não conseguiu concretizar seus anseios.

Nesse universo feminino, há ainda o retrato de várias outras mulheres a integrar essa paisagem: Elisa, irmã mais nova de Hortense: “(...) o mesmo cabelo, cortado curto, os mesmos olhos, o mesmo riso. A proximidade inevitável, imediata, de Elisa, como uma imagem num espelho” (Gersão, p.98), a doce Elisa “entrara num movimento subversivo e fora presa distribuindo panfletos, saíra ao fim de seis meses e fugira com um companheiro de luta para a América do Sul” (Gersão, p.118). A morte da avó diante da janela, prisioneira de seu mundo, a figura materna – Helena – a reproduzir os valores do patriarcado: “A mulher sem desejo nem corpo, porque só ao homem pertencia o desejo e o corpo. A mãe como um perfil de sombra, transparente a ponto de se tornar invisível” (Gersão, p.99).

Hortense sofre o cerceamento de sua imaginação criadora desde pequena; primeiro esse processo se dá no espaço da casa por meio da

ação de uma mãe castradora: "(...) não a quero ver todo o dia desenhando, como se não houvesse nada mais a fazer numa casa" (Gersão, p.100). O desenho/representação pictórica é visto como ócio, ameaça, perigo à ordem instaurada; é preciso, portanto, castrar essa via de comunicação com o mundo interior. Mais tarde esse bloqueio ocorre no espaço escolar, no qual Hortense tinha de limitar-se a copiar os modelos pré-estabelecidos: " – Uma árvore é uma árvore, porque é que desenhou uma árvore como se fosse um pássaro?" (Gersão, p.80). Árvore tem raiz, é presa ao solo, como o povo deveria ser, "a árvore como traço de união entre a terra e o céu" (Gersão, p.97), enquanto o pássaro tem asas para voar, representando, assim, a liberdade e isso "de algum modo punha-os a 'eles' em perigo (...) o bico do lápis era sempre finalmente um desafio, uma arma apontada contra 'eles'" (Gersão, p.81). Áurea, a mestra castradora em último grau, protótipo da mulher amarga, reprodutora do regime e do patriarcado, não se casara – O.S. era seu "esposo mítico" (Gersão, p.85) – a que era "desligada do corpo, como se não fosse de carne mas de outra matéria mais sublime, tinha um nome profético, Áurea, de ouro, a feita de ouro" (Gersão, p.88).

Frágeis ou fortes, mulheres diversas compõem a trama narrativa dessa peça de tapeçaria que é o romance de Teolinda Gersão, em que cada ponto traz uma vida, o mundo em si, simplesmente mulheres.

Em *Paisagem com mulher e mar ao fundo*, observa-se uma escrita marcada pela fragmentação dos "eus" multifacetados; o sujeito passa a ser o outro de si mesmo. Hortense vive uma situação limite em que seu próprio corpo é quase um objeto estranho a ela, um cárcere do qual não consegue livrar-se:

(...) não tocar o mundo, não tocar nenhum corpo, mas só conheço o meu corpo através de outro corpo, e então ela dissera ao homem: desenha-me com as tuas mãos, dá-me uma forma, sou argila doce, areia inconsciente, estou dormindo dentro de mim própria, é preciso que venhas despertar-me, abrir todas as portas do meu corpo, se me tocares começarei a viver agora mesmo, terei de súbito um modo diferente de existir, ouves, quero uma forma, um corpo, um sangue, um tempo breve, limitado pela morte, assim tu és também a morte, a revelação do limite, mas eu aceito a morte, o amor transitório, o corpo passageiro, se puder dizer por um breve instante: estou viva. (Gersão, 1982, p. 26)

Enquanto “eu” fragmentado: “(...) o seu próprio corpo, fragmentariamente, e se é sempre apenas dividido, cindido, a uma enorme distância de si próprio e do mundo” (*PCMMF*, p.26), descobrimos no passado de Hortense não só a pulsão de vida como também a exteriorização do “eu” estético, o “eu” da arte, da pulsão criativa e do transbordamento metafórico, uma época em que ela era “uma planta com raiz, crescendo sob a luz. A segurança da casa, a serena alegria da fixação num solo” (Gersão, p.71). Deparamo-nos, assim, com uma Hortense pintora. Os índices que nos levam ao reconhecimento desse seu ofício nos vão sendo dados nas quinas dessa imensa tela que é a obra como um todo. Com suas tintas, Hortense tenta pintar um mundo melhor, da mesma maneira que Horácio procura (re)construir uma sociedade menos totalitária, embora não haja meios para a concretização de tal intento.

Num outro plano de interpretação, o romance parece sinalizar que está nas mãos das mulheres a mudança, já que, afinal, os homens sucumbiram. Além disso, no decorrer do romance, observa-se em vários trechos uma espécie de trocadilho com as palavras “a manhã clara” e “manhã clara” como que a antever o desenlace da narrativa: numa manhã clara, a personagem Clara dá à luz um novo ser, capaz de clarear a existência dessas duas mulheres e, por extensão, de todo o seu povo.

Assim, a trama narrativa começa a tecer-se com fios escuros/sombrios como projeção do estado físico-emocional em que a narradora-personagem se encontra. Paralelamente, a urdidura que compõe o tecido literário é colorida de tons luminosos/claros quando recuamos ao passado de Hortense para então, ao final, compormos o grande pano literário multifacetado que é a obra como um todo. Tal estrutura evoca o simbolismo do fio de Ariadne: “agente de ligação do retorno à luz” (Chevalier & Gueerbrant, 1998, p.431) de que já falamos anteriormente.

Através da arte busca-se, na narrativa, concretizar uma utopia revolucionária, trazendo à tona a discussão em torno da aparência e essência, que nos leva a questionar a função da arte nesse mundo contemporâneo (Faria, 2004).

Tecendo o onírico, ponto a ponto, entre penumbra e claridade, chegamos ao desenlace do enredo dessa narrativa.

Observamos e analisamos a trajetória de algumas mulheres retratadas no romance em questão, sobretudo as de Hortense e Clara, sujeitos femininos auto exilados na microcélula social, prisioneiras de

seus próprios corpos sitiados, com seus percursos identitários nômades refugiando-se no imaginário, no espaço onírico tão desejado pela autora, lugares pelos quais não estão circunscritas. A presença de diversas temporalidades congregando diferentes tempos históricos: a memória, a reminiscência e a projeção, o passado e o futuro fantasmizam o presente das personagens com seus corpos precários, falhos e rasurados a espelhar a própria história de Portugal; o espaço da casa e a família dilacerados, metonimicamente sustentados por uma alegoria funcionam como imagens do país. Contudo, surge uma luz ao final da narrativa, sinalizando a esperança de um recomeço de novos tempos, da reconstrução não conseguida por Horácio da casa portuguesa, mas concretizando-se no nascer de uma nova vida, na figura do neto que vem ao mundo.

As mulheres dessa paisagem com mar ao fundo tiveram que descer aos seus infernos pessoais, exorcizar espectros do passado, medos do futuro, para, então, voltar mais fortes e irredutíveis. Tal como fênix, ressurgiram de suas cinzas como mulheres sólidas, verdadeiras fortalezas de si.

Pintando e bordando/ tecendo, procuram reconstruir suas vidas, acrescentando-lhes novos matizes, suavizando um traço pesado demais, fazendo incidir a luz em algum obscuro recanto da alma, dando profundidade às coisas belas, aos bons sentimentos, desatando nós em princípio irremediáveis.

Referências bibliográficas

- Boletim do Centro de Estudos Portugueses. v.13, nº 16. Belo Horizonte: FALE/ UFMG, jul./ dez. 1993.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- BRUNEL, Pierre. *Dicionário de Mitos Literários*. Trad. de Carlos Sussekind [et al]. Pref. de Nicolau Sevcenko. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- FARIA, Ângela Beatriz de Carvalho. Anotações de aula da disciplina "A ficção contemporânea II" do curso *Narrativa portuguesa contemporânea*, no Mestrado em Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da UFRJ, 2004.
- GERSÃO, Teolinda. *Paisagem com mulher e mar ao fundo*. Lisboa: O Jornal, 1982.
- MAGALHÃES, Izabel Allegro de. *O tempo das mulheres*. A dimensão

temporal na escrita feminina contemporânea. Ficção Portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1969.

_____. *Poesias de Álvaro de Campos: Livro do professor*. São Paulo: FTD, 1992. (Coleção Grandes Leituras)

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. *O romance português contemporâneo*. Santa Maria: Edições UFSM, 1986.

SEIXO, Maria Alzira. *A palavra do romance*. Ensaios de genologia e análise. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.

Resumo

Breve análise da trajetória de algumas mulheres retratadas no romance *Paisagem com mulher e mar ao fundo*, de Teolinda Gersão, sobretudo as de Hortense e Clara, sujeitos femininos auto exilados na microcélula social, 'prisioneiras' de seus próprios corpos sitiados, com seus percursos identitários nômades refugiando-se no imaginário ou em lugares que não estão circunscritos a sua volta.

Palavras-chave: romance português contemporâneo; personagens femininas; 25 de abril; identidade.

Abstract

Brief analysis on the trajectory of some women depicted in the novel *Paisagem com mulher e mar ao fundo* by Teolinda Gersão, specially Hortense's and Clara's, female selfs who feels in chains in the space of home, being 'prisoners' of their own beleaguered bodies and with their nomadic identity process searching refuge in the imaginary or in places which are not around them.

Keywords: contemporary Portuguese novel; female characters; 25th April; identity.